



UNIVERSIDADE  
AUTÓNOMA  
DE LISBOA

Atelier de Criatividade Publicitária e Edição Multimédia

Professor Luís Lima

Portfólio

Mariana Ferro | 30011032

## Índice

- Autorretrato
- Lipograma
- Tradução Homofônica
- Descrição de um território em Devir-Animal
- Pastiche
- Slogan
- Micro- Narrativas em Constelação
- Reescrita do poema “Corvo”
- Escrita Coletiva
- “Mãe”
- Relatório Final

## **Autorretrato**

Acho que sou muita coisa, já consegui perceber isso, intensa, talvez. Considero encontrar-me numa fase que mais me permite desafiar este meu autoconhecimento pessoal e individual. Estudante universitária durante o dia, trabalhadora nas Perfumes e Companhia num centro comercial à noite, feliz de vez em quando, triste e cansada quando não o consigo ser. Desafio-me. Na realidade tenho de me desafiar e isso não é mau de todo, mas pesa. Pesa e eu sempre fui alguém de desafios, o meu ensino secundário foi repleto de atividades diferentes que me faziam aspirar a ser melhor e a procurar fugir da normatividade. E hoje, reparo que só me preparava para a fase seguinte, com mais três tijolos pesados em cima, mas que fase é esta que me está a permitir conhecer a força outrora escondida que há em mim. Resiliente, defino-me. Às vezes caio, porque também mora em mim algo frágil que por vezes se sente abanado pela agitação que vivo. Mas que força que tenho e que desconhecia.

A vida tem custado, mas sabe-me bem saber que consigo, que sou capaz. E que um dia descobrirei outro pedaço de força que haverá de restar em mim. Acredito que caminhamos num percurso longo de progressão, e que bonito que é, por mais que custe, o crescimento do ser humano.

Hoje, conheço a minha força e resiliência, no meio de outras coisas que ainda cabem na minha intensidade, um dia espero voltar a escrever com vontade de dizer que me conheço ainda melhor do que digo hoje.

## Lipograma

Acho que sou muita coisa, já consegui **lúcida** isso, intensa, talvez. **Acho lupa** numa das fases que mais me **dá vida** este meu autoconhecimento pessoal e individual. Estudante **intensa no dia**, **situada** na **Segunda Casa** num **shopping** à noite, feliz de vez em quando, **calma** e cansada quando não o consigo **sentimento**. Desafio-me. Na **vida** tenho de me **nov**o e isso não é mau de todo, mas pesa. Pesa e eu **infinitamente** fui alguém de desafios, o meu ensino **intenso** foi **cheio** de atividades **distintas** que me faziam **sonho a vida mais** e a **sonho longe** da **banalidade**. E hoje, **vejo** que só me **lançava** a à fase seguinte, com mais **cinco pesos** pesados em cima, mas que fase é esta que me está a **lucidez conhecimento** a **luz** talvez escondida que há em mim. **Pesada**, defino-me. Às vezes caio, **pois** também **vive** em mim algo **leve** que às vezes se sente abanado pela agitação que vivo.

Mas que **vento** que tenho e que desconhecia.

A vida tem custado, mas sabe-me bem **consciente** que consigo, que sou capaz. E que um dia **sei o** pedaço de **vida** que **há** de **vida** em mim. **Sinto** que caminhamos num **caminho** longo de **evolução**, e que bonito que é, e mais que custe, o **sentido** do **indivíduo** humano.

Hoje, conheço a minha **luz** e **capacidade** no meio de **umas** coisas que ainda cabem na minha intensidade, um dia **anseio volta a paz** com vontade de **sentimento** que me conheço ainda **mais** do que digo hoje.

## **Tradução Homofónica**

O n e o ar onde andei andebol ou filipe  
A Nádia buéda feia, tape dona disto duque  
, Ande amigdalite, andaime afta sorte duque  
E orais é doce, eno ou verter cheiro-os tipo

Amen e lave dior mas não te safo leite gresso  
Ande lave dior bue dorido lave faça o truque,  
Para o ano mão lave de da promoção e nu,  
Em de lave de da saras ou afiar tens gin foice;

Em de mendigo dão bissexto da engole e bares,  
Mar mar, a lidl sai dali, ao lá a frente  
Ana Passe de pão da mau tanso ou vê ereto  
Em de índice falso amigo ancorado ao estares.

### Segunda versão

O Ben e o ar onde andei andebol ou filipe  
A Nádia buéda feia, dei-te dona deste duque,  
Ande amigdalite, andaime afta sorte duque  
E orais é doce, eno ou verter cheiro-os tipo

Amen e lave dior mas não te safo leite gritou se  
Ande lave dior bue dorido lave faça horto,  
Para o ano mão lave de da promoção hino,  
Em de lave de da saras ou afiar tens gin foice;

Em de mendigo dão bissexto da engole e bares,  
Mar mar, a líder sai dali, ao lá a frente  
Ana Passe de pão da mau tanso ou vê ereto  
Em de índice falso amigo ancorado ao estares.

## Descrição de um território em Devir-Animal

Território: casa dos pais do meu namorado Pedro

Animal: Panda

Assim que chego, rebolo pelo chão quente,  
mas imediatamente me alojo naquele canto quente e confortável.

Lá está uma criatura diferente daquelas que ouço no exterior,  
uma criatura mais parecida comigo, preta e branca a que me agarro, como aquela árvore que as  
minhas patas querem tão fortemente.

Quando quero trepo aquele pedaço de madeira e sinto-me bicho, bicho no meu habitat.

Cheiro a madeira quando rebolo, a criatura quente quando me alojo e uma espécie de folhas frescas  
quando chego.

### (versão poética) *extra*

Aqui vejo cores que não possuo.

Aqui sorrio.

Deixo de me sentir pesado e grande tornando-me pequeno num porto seguro como num bosque  
escondido. Escondido e longe dos animais ameaçadores que se atravessam na floresta densa, como se  
sentisse que ela não existe, e que todos os animais se chamam Pedro. Adormeço sem a preocupação  
que esses animais me batam à porta e sinto afeto como nunca nenhum panda me ofereceu.

Solitário que sou, aqui sorrio.

Deito-me numa almofada que se torna mais fofa e mole do que aquilo que eu próprio sou. Emerjo-me  
no conforto das folhas daquela cama, e no peito do animal que me deixa leve, como a almofada em  
que me deito e que ele me deu o privilégio de conhecer.

Sabem aquela árvore a que me agarro? É o meu porto seguro, aquela árvore, aquele Pedro.

Não me afasto do meu sentido de responsabilidade, sou responsável, mas aqui não me sinto. Não  
preciso de o ser. Sou solitário, não deixo de o ser, mas aqui não me sinto.

Solidão? Não avisto.

Solitário que sou, aqui sorrio.

## **Pastiche**

### **Muriel**

As vezes se te lembrava procurava te  
Retinha-te, sentia-te  
Quando te não via dependia do momento que tinha para ver-te  
Mas,  
Nunca mais passei por lá,  
Sou pobre  
Mais te via do que ter-te a minha frente  
Mas vi, mas vejo  
Vejo te agora, vi te ontem e anteontem  
E,  
Mesmo ao ver-te, não te vejo

Sou pobre,  
Estou longe,  
De te ter,  
Era tudo tão simples quando te esperava

Terá mesmo existido o sítio onde estivemos?  
Eu não te faço falta

Que não te admires se olhares e me não vires  
Estarei longe  
Mas,  
Não telefones  
Nada penses ou faças  
Que embora tudo mude, nunca muda  
Vai te embora

Sou muito pobre,  
Eu não te faço falta.

## **Slogan**

**“Só mais um golo!” – Pepsi Euro 2024**

**Mariana Ferro (30011032), Rita Morais (30010599), Rodrigo Dutra (30010456), Tomás Terrível (30010600)**

Decidimos escolher a marca “Pepsi”, com o propósito de fazer conjugar o slogan a criar com um momento e evento específico. Este seria o evento do “Euro 2024”, uma vez que dele nos aproximamos.

Fazendo a relação com a última memória que temos da Seleção portuguesa no Campeonato Europeu de Futebol, onde Eder nos concedeu a vitória do campeonato, escolhemos o slogan: “Só mais um golo”.

Este slogan permite uma relação entre o golo vitorioso de Eder, com o “gol” que o consumidor dá no refrigerante. O desejo implícito na frase, interliga-se com o desejo de voltar a vencer o Euro, novamente, em 2024.

## Micronarrativas em Constelação

### a) **Metro, cavalo, psicanalista, martelo, olhos tortos do velho**

Que sensação estranha, aquela que senti quando os olhos tortos do velho que se sentava em frente a mim no metro se penetraram nos meus. Não sei com que propósito, não percebi, questionei-me, tentei transformar-me em uma espécie de psicanalista, por momentos, para tentar perceber se era maldade e intencional ou simplesmente fisiológico. Seria injusto desejar-lhe mal se eu estivesse simplesmente a confundir uma doença, ou algo parecido, com maldade, não seria? Mas senti-me possuída, com medo, que me pudesse fazer mal. Parece parvo visto de fora, mas a minha mente aterrorizada, naquele momento, só pensava em pegar num martelo e, ou desmanchar aquele cenário da minha cabeça, ou no pior dos cenários, endireitar-lhe os olhos. Macabro, Mariana. Mas foi o medo.

### b) **O dono do cão, a eletricidade, o 2º Cristo, morrer de fome**

A luz é pouca ou nula, estou a morrer de fome, tenho um cão nos braços.  
Não sei do dono do cão, não sou dona de mim, não sei onde estou. Só podia ser obra de Cristo ou do 2º cristo, de tão surreal que tudo estava a ser. Mas acordei, era um sonho, a eletricidade estava paga, o sol brilhava e o cão do meu vizinho estava sossegado no quintal.

### c) **Cabeça alemã, cabeça inglesa, cabeça africana, esquizofrenia curada, o mesmo animal**

Percebi desde início que alguma coisa se passava. Aquele homem que gritava pelas ruas de Sintra, ao vento e com um cão no colo. Era o Rúben, aparentemente conhecido, por ser um “perdido”. Tentei conhecê-lo: era um sábio, que enlouqueceu. Aquele homem tinha uma cabeça alemã, uma cabeça inglesa, uma cabeça africana e se lhe perguntássemos algo mais sobre outras tantas culturas ele iria responder na plenitude dos seus pensamentos assertivos. “Dizem que sou esquizofrénico. Eu não perco tempo para explicar que sou apenas alguém que já viveu muito, e que não me identifico com a banalidade do mundo”. Fiquei encantada, com o poço de sabedoria que percorria o corpo daquele homem. Esquizofrenia? Completamente fictícia na cabeça daqueles que não se esforçam para conhecer o diferente. Que a esquizofrenia de muitos fosse curada com a inteligência de um indivíduo como é o Rúben. Não admira que há tantos anos na rua, continue com o mesmo animal, deve adorá-lo. Os animais sentem mais que as pessoas, veem melhor, talvez o Ruca saiba mesmo que o dono é diferente e especial.

## Reescrita do poema “O Corvo”

Girafa (Calma, desprendimento da terra e aproximação das visões do céu; )

Fala:

“Eu estou a vê-la”

“Eu estou com ela”

Numa tórrida tarde de agosto, quando eu lia, lento e triste,  
Vagos curiosos tomos de ciências ancestrais,  
E já quase adormecia, ouvi o que parecia  
O som de alguém que batia levemente a meus umbrais.  
“Uma visita”, eu me disse, “está batendo a meus umbrais.  
É só isto, e nada mais.”

Ah, que bem disso me lembro! Era no pico do verão  
E a luz do sol, morrendo negra, urdia sombras desiguais.  
Como eu qu’ria o serão, toda a noite aos livros dado  
P’ra esquecer a amada em vão, hoje entre hostes celestiais –  
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais,

Partiu então a vidraça, e eis que, com muita negaça,  
Entrou grave e nobre uma girafa dos bons climas tropicais.  
Não fez nenhum cumprimento, não parou nenhum momento,

Mas com ar sereno e lento, entrou pelos meus umbrais,  
Foi, entrou, e nada mais.

E este animal grande e manchado fez sorrir a minha desconfiança  
Com o solene decoro de seus ares rituais.  
“Ocupas tanto espaço”, disse eu, “mas de nobre e ousado,  
Ó velho animal emigrado lá das alturas infernais!  
Diz-me qual o teu nome lá nas terras altas.”  
Disse a girafa, “Eu estou com ela”.

Pasmei de ouvir este raro bicho falar tão claro,  
De tanta força e sentido tivessem palavras tais.  
Mas não poderá ter sido por acaso,  
Que esta tenha tido entre os seus umbrais,  
Grande bicho sobre o busto que há por sobre seus umbrais,  
Com a mensagem “Eu estou com ela”.

Mas a Girafa, sobre o busto, nada mais dissera,  
Que essa frase certa, e nela a alma me ficou empolgada.  
Nem mais voz nem movimento fez, e eu, em meu pensamento,  
Perdido murmurei lento. “Amigos, sonhos- mortais  
Todos – todos já se foram. Mas tu, por favor não te vás.”  
Disse a Girafa, “Eu estou com ela.”

A alma súbito movida por frase tão bem cabida,  
“Por certo”, disse eu, “de onde vens tu que me confundes”  
Estás com ela? A minha?

A Girafa interrompe-o, “Eu estou com ela”.

Já fazendo este bicho alto sorrir a minha alma, o meu coração  
Sentei-me defronte dela, sobre a minha janela  
E, enterrado na cadeira, pensei de muita maneira  
Que queria este animal da terra a olhar para o céu,  
Conheceria ele quem eu mais desejo?  
Com aquele “Eu estou com ela.”

A este luto e este degredo, e esta noite e este segredo  
Digo para que pare, já que chegaste, e me confortaste  
Se há uma cura para esta alma que me pesa!”

Digo-lhe obrigada, obrigada, obrigada;

Cuida bem dela,

Disse a Girafa,

“Eu estou com ela,

Eu estou a vê-la”.

## Escrita Coletiva

**Mariana Ferro (30011032), Rita Morais (30010599), Rodrigo Dutra (30010456), Tomás Terrível (30010600)**

Ninguém

Um velho sábio está no meio de uma rotunda, no meio de tudo

Mas não vê ninguém, não sente nada, não há vida

Algo que roda passa, pessoas vivem, ele observa sem ver nada

Questiona a sua vida, não se sente vivo

Mas eu vejo-o, ele está aqui, ele está vivo

Mas é átomo, não reage

Estou no meio de algo, vejo um velho

Só vejo um velho, estou perdido

Anseio nele uma luz

E pergunto-me:

Quem sou eu?

Onde estou?

Não sei, não sinto nada, não vejo ninguém, só o velho

“Só tu sabes quem és”,

“Estás onde estou”

Não sei mesmo nada

Sou eu? Sou velho?

Serei eu tu?

Serás tu eu?

Não sei o que sinto,

Se eu for o que tu és,

Quem será o que eu fui?

Angra, dizem

Não sei o que isso é

Estou à parte do mundo

No meio do nada, mas há mar

Estou longe

O mundo evoluiu no tempo

E eu sinto-me parado nele

Quem sou eu? Onde estava eu?

Ninguém, em todo o lado.

## Mãe

A minha mãe. Já a conheci de tantas formas e feitios e hoje, é-me difícil conhecê-la. Em criança fui feliz, não sei se ela o era, não me apercebia, não olhava, ela também não o mostrava.

Cresci. As paisagens alteraram-se, eu passei a observá-las e conheci um mundo num sítio só. O mundo dela, que não sei há quanto tempo se desmoronara.

Não sei se a conheço. Tornar-se-ia estranho afirmá-lo se nunca vi como ela estava: a cair, a fingir, ela também não mo mostrava. Ou eu não via.

Hoje vejo mais. Muito mais do que eu alguma vez desejaria ver. Vejo-a cair, ou a chegar ao fundo do caminho que veio a percorrer, e que eu não vi. Vejo-a sentada ou deitada, sem querer ver a luz de uma rotina, de uma vida. Vejo o sofrimento num corpo que se arrasta, algo negro que nesse corpo lhe percorre, a alma despida de tudo e de nada nas suas palavras e na fraca energia que nelas deposita. Vejo a desistência da felicidade que à sua filha também já não chega todos os dias.

Vejo a minha mãe. Se esta é a minha mãe, eu só não queria ver a minha mãe.

Estou triste. Estou feliz, mas estou triste. Tenho força, eu consigo, já me provei que sim. Mas estou triste. E que sentimento de culpa que me pesa por não ter visto nada.

Mãe, volta. Tu consegues. Por favor.

Quero voltar a acordar com um bom dia teu, daqueles com vontade que o dia comece e não que acabe quando acabou de começar, sabes?

Quero voltar a sentir-te viva.

Quero voltar a sorrir sem pensar que te posso perder.

Quero poder voltar a viver sem saber que estás a morrer.

As palavras saem-me de uma forma anestesiada. Não sinto que seja possível viver isto na profunda sanidade dos meus pensamentos. Não sei se aguento, também não quero avistar algo perto. Tenho medo. Preciso de mim cá em cima. E tu precisas de mim, se não te tens a ti. A vida faz sentido, prometo.

Crítica:

Senti-me livre para escrever este texto porque é o que sinto. É o que tenho mais aflorado em mim, na minha pele, nos pensamentos mais pesados que em mim pairam em todos os segundos do dia, sem exceção. É uma mágoa com que luto e lido do amanhecer ao fim do dia, um monstro que já estou cansada de ver. Mas é o que sinto, é real, está a acontecer.

Escrevo com o desejo que um dia ela o possa ler, agora não, tenho medo. Um dia, mãe, espero que o leias. E que nesse momento a escuridão que te rodeia tenha sido substituída pela luz da vida que anseio para ti, e para nós.

## **Relatório Final**

A realização desta cadeira no ano que se encerra, foi um dos desafios mais prazeroso que enfrentei desde o início da Licenciatura. Isto talvez porque me identifico com aquilo que foge à banalidade e simplicidade das coisas, da normatividade cansativa e pouco ou nada desafiante.

Acho que se torna perceptível não só pelo tipo de escrita que apresento neste portfólio como aquilo que permiti que o professor Luís Lima conhecesse de mim. Adoro ou acho que amo poesia, não precisa de rimar (a Poesia não precisa de rima), precisa de ser sentida, forte, real. Transformo-me quando escrevo sem limitações, quando me transponho para o mundo da minha alma, que sente tanto e tantas coisas.

Esta cadeira permitiu-me isto. Saltar para esses horizontes, desafiar-me e disfrutar desafios frequentemente propostos. Faço um balanço positivo, destacando esta cadeira como algo que me ficará guardado.

Obrigada, Professor

Mariana Ferro

